

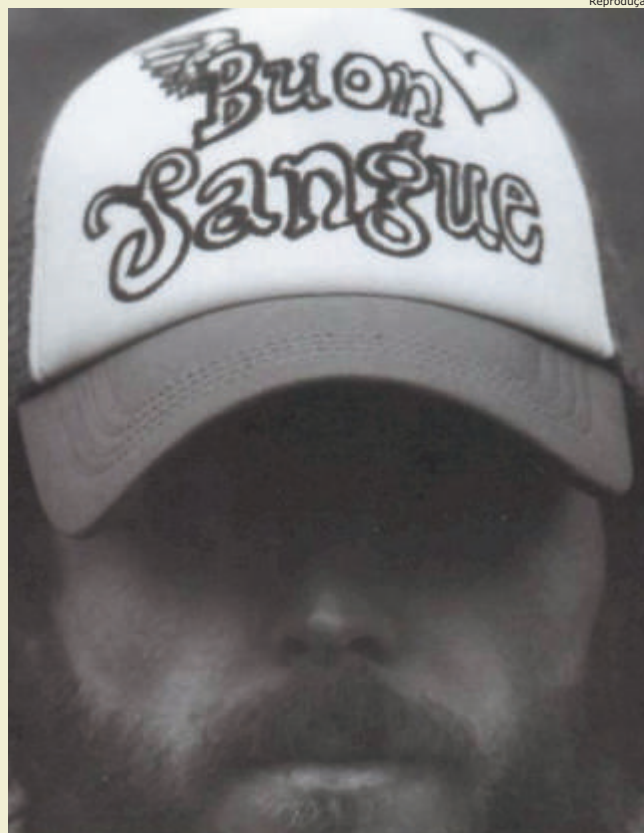
Menos açúcar, mais balanço

De volta à vida de turnês pela Itália, em outubro próximo, com o álbum “Buon Sangue”, o rapper italiano Lorenzo Jovanotti confirma pela variedade de ritmos que domina por que encarna uma variação das mais interessantes no cenário musical de um país que fabrica batalhões de cantores pop românticos.

Conhecidíssimo no país de Laura Pausini e Andrea Bocelli, Jovanotti não faz feio diante de estrelas da linha descolada-consciente, como Manu Chao e Marcelo D2. Sua música mistura batidas de black music com arranjos de guitarra, bateria, percussão e tímidas incursões eletrônicas, para produzir um clima dançante e de-bem-com-a-vida, ainda que a crítica social recheie boa parte das letras. Autor de poesias longas e rimadas, típicas do rap, Lorenzo Jovanotti reflete em suas canções o discurso antiglobalização das ONGs, o qual apóia. O álbum anterior a “Buon Sangue”, por exemplo, o politizado “Il Quinto Mondo”, levou o cantor a defender o cancelamento da dívida de países subdesenvolvidos, em programas de TV pouco afeitos a polêmicas.

Os olhos voltados para o engajamento político, apesar de ocasionarem críticas de que Jovanotti estaria se aproveitando da causa para promover seu trabalho, ajudaram a despertar no artista uma paixão declarada pelo Brasil. Na estrada desde 1988, o italiano sempre apostou em parcerias internacionais e chegou a um inusitado dueto com Daniela Mercury, no disco “Eletrodoméstico”, lançado em 2003 pela cantora.

Um dos maiores sucessos de Jovanotti, “L'Ombelico del Mondo”, também traz arranjos de batuque no estilo dos garotos baianos do Olodum, e o próprio álbum da turnê que o cantor ora recomença foi batizado por inspiração de uma expressão dos morros cariocas, “sangue bom”, que Jovanotti define como uma ótima forma de se referir “a pessoas justas, generosas”. Embora o rapper soe, no embalo tropical, como um gringo aprendendo a sambar, uma série de outras boas músicas compensa a falta de ginga verde-e-amarela.



Reprodução

Capa do álbum “Buon Sangue”

Como ouvir Jovanotti

Uma vasculhada em lojas brasileiras pode levar à impressão de que o encanto do rapper pelo país não é correspondido. Os vendedores olham com espanto a quem se arrisca a perguntar sobre álbuns do artista, mas a internet pode ser a saída para conhecer melhor o trabalho de Jovanotti: sites estrangeiros de compras oferecem os CDs mais recentes por R\$75,00, com a taxa de entrega já inclusa. Outra opção, mais econômica, é visitar a página do músico (www.soleluna.com/index.php), que oferece trechos das canções do álbum “Buon Sangue”.

Muito açúcar, mesmo, e daí?



Reprodução

Enquanto a versão *light* da música italiana - menos melosa e mais atendida - conquista espaço por meio de cantores como Jovanotti, a tradicional habilidade para falar de amores vividos, perdidos ou reconquistados segue bem representada pelo cinqüentão Amedeo Minghi.

Em turnê pela Itália, durante o segundo semestre de 2005, o artista tem mostrado que um certo apelo pop pode resultar em misturas interessantes com as melodias românticas, quase sonhadoras, que marcam seus antigos trabalhos. Minghi imprime ao álbum mais recente, “Su di Me”, lançado no início do ano, um clima intimista, como se falasse diretamente aos ouvidos de uma mulher especial. Arranjos leves de guitarra e bateria, somados ao visual sofisticado do cantor e do próprio CD, confirmam, no entanto, que o italiano quer atingir tanto o público maduro quanto os corações ligados a bandas de rádios jovens, como o Ligabue.

Na comparação com os pares roqueiros, Minghi fica para trás quando o assunto é variedade melódica, já que seu maior defeito é a mesmice das faixas. Recupera-se, porém, na disputa entre letras: as canções do artista ultrapassam a ingenuidade adolescente, para descrever relacionamentos equilibrados e cenas de carinho diante de um mar “que repete eu te amo”.

Como ouvir Amedeo Minghi

As passagens do italiano pelo Brasil, em 1997 e 2002, não foram exatamente como descreve seu site (www.amedeominghi.it), segundo o qual Minghi foi recebido em São Paulo “como um superstar”. Mas ajudaram, sim, a alavancar a carreira do cantor por aqui. Talvez por isso se explique que, mesmo desconhecidos, os álbuns do artista sejam facilmente encontrados nas prateleiras das megastores. O novo CD, “Su di Me”, sai por R\$33,00 e conta com dez faixas. Vale aproveitar a ida à loja para comprar um dicionário italiano-português e escutar as músicas tranquilamente, enquanto decifra as belas letras.



Reprodução

Italianos bons de prêmio

Nem só de passado vive o cinema da Velha Bota. Entre as produções recentes, há histórias emocionantes e bem contadas, como comprovam os títulos recebidos por dois dos filmes mais comentados dos últimos anos, na Itália, e disponíveis em DVD, no Brasil.

“Bom Dia, Noite”, de 2004, levou o Prêmio da Crítica Internacional, no European Film Awards, e três estatuetas no Festival de Veneza. Já “O Quarto do Filho”, lançado em 2001, recebeu no mesmo ano a Palma de Ouro, em Cannes, o mais importante prêmio do cinema europeu. Confira as resenhas e bom proveito!

O QUARTO DO FILHO

Uma das dificuldades essenciais do ser humano, na maior parte das culturas e épocas, ganha cores atuais e bem locais no sensível filme “O Quarto do Filho”, do diretor e ator italiano Nanni Moretti. Ambientado na pequena Ancona, na costa central da Itália, a história desfaz dois preconceitos, ao mostrar de maneira equilibrada as reações de uma família à perda de um dos filhos.

A primeira idéia a ser desfeita é a do filme italiano enlatado para exportação, aquele feito em geral por estrangeiros, no qual a trama se desenrola em vilas pitorescas, onde os habitantes gritam o tempo inteiro, dançam e choram sem muito motivo. Detalhes típicos surgem a todo o tempo, na obra, mas encaixam-se naturalmente numa história que ultrapassa a dimensão nacional, para focar o humano. Estão lá as ruelas estreitas, rodeadas de prédios centenários, as motocas dos adolescentes, as refeições desdobradas em três ou quatro etapas, a paixão pelo esporte, a valorização da família. Ainda assim, as personagens da história vivem uma rotina comum à maioria dos italianos. O pai, psicanalista, e a mãe, editora, trabalham duro, convivem com os filhos adolescentes e são carinhosos um com o outro. Os jovens, por sua vez, estudam, namoram e fazem das suas besteiras, de vez em quando.



Cena de “O quarto do filho”

Uma delas faz o filho Andrea ser acusado de roubar uma relíquia da escola que freqüenta, o que leva o pai a buscar um estreitamento na relação entre eles. Justamente quando a aproximação estava por começar, porém, uma tragédia muda o curso da história.

É neste ponto que o filme chega à sua questão crucial e derruba o segundo mito, o de que dramas familiares devem ser melosos e manipuladores. Abalados pela morte do menino, pai, mãe e irmã mostram como o homem pode reagir de maneira diversa à dor: o psicanalista experimenta dificuldade em retomar a vida cotidiana, a mulher tranca-se em casa e a garota expressa uma agressividade que nunca demonstrou. Vista sem afetações, a dureza do recomeço se mostra ainda mais forte, verdadeira. Diante do mergulho cuidadoso na situação, Nanni Moretti acaba por construir um belo cenário sobre perda e individualidade. O desenrolar de “O Quarto do Filho” mostra que o cinema italiano pode ser ainda mais encantador quando é ele mesmo.



BOM DIA, NOITE

A contradição do enunciado “Bom dia, noite” ilustra com precisão o conflito presente no filme homônimo do diretor italiano Marco Bellochio. Título de um poema da escritora Emily Dickinson (1830-1886), conhecida por se isolar numa cidadezinha norte-americana para se dedicar à literatura, a frase resume a angústia enfrentada pela protagonista Chiara, ativista política que, uma vez envolvida numa ação radical, enxerga suas convicções ficarem cada vez mais sombreadas.

Única personagem fictícia numa história verdadeira, Chiara é uma das quatro jovens de um grupo que, tal qual Emily Dickinson, opta pela reclusão em nome de um objetivo. Para esses jovens, ausentar-se do mundo era o preço a pagar pela radicalização na luta esquerdista, na Itália de 1978. Ligado à organização político-militar Brigadas Vermelhas, o quarteto seqüestra e mantém em cativeiro, durante 55 dias, o líder do partido Democracia Cristã, Aldo Moro.

Ato mais significativo da escalada de violência que o embate entre capitalistas e socialistas provocava no país, o seqüestro eleva a tensão política na Itália a níveis inéditos desde o fim da Segunda Guerra. É essa



Cena de “Bom dia, noite”

Divulgação



Cena de “Bom dia, noite”

Divulgação

tensão que desmonta a rotina regrada que Chiara levava, como bibliotecária e namorada exemplar, e passa a dominar toda a narrativa.

A ansiedade natural num cenário de tanta agitação social multiplica-se, no filme, pela opção de narrar os dias da ação a partir do ponto de vista exclusivo dos seqüestradores. Restrita quase todo o tempo ao cativeiro, a câmera evita planos abertos e registra muitas das cenas por trás dos capuzes usados pelos ativistas ou de buracos nas fechaduras. Nos ambientes parcialmente iluminados do apartamento devido às cortinas fechadas, os jovens tentam manter sua crença quase religiosa na luta de classes e discutem com o próprio refém a respeito de seus ideais e de uma solução para o seqüestro.

O endurecimento do governo na negociação, no entanto, prolonga o impasse e aumenta o grau de violência dos ativistas. A convivência torna-se mais difícil e Chiara percebe, pela primeira vez, a disposição real de seus colegas de matar Aldo Moro. Pressionada, ainda, pelo ambiente de caça aos comunistas no ambiente onde trabalha, a bibliotecária passa a questionar a legitimidade do grupo e sente suas certezas titubarem diante da compaixão pelo seqüestrado.

No conflito de Chiara, entre o rigor político com que deve agir e a preservação de seus valores pessoais, o filme encontra um argumento ainda mais forte para prender a atenção do espectador e discutir os limites da ação política e do terrorismo.

Descobrir como Chiara resolve o impasse não apenas satisfaz a curiosidade como leva a pensar sobre um dos temas mais atuais, em tempos de Al-Qaeda.